

Editorial

Em 5 de junho, foi celebrado o Dia Mundial do Meio Ambiente. Não há como pensar a data sem recordar sobre a tragédia causada pelas fortes chuvas no Rio Grande do Sul. O CEERT manifesta sua solidariedade a toda população do Rio Grande do Sul em um momento tão difícil e traz à tona o importante debate a respeito do impacto dos eventos climáticos extremos na vida dos mais vulneráveis, a exemplo da população negra e periférica.

Grupos historicamente marginalizados são os mais afetados pelos desastres naturais, uma vez que são aqueles que majoritariamente ocupam áreas de risco, além de enfrentarem mais dificuldades de acesso à estrutura urbana, condições de moradia digna e serviços básicos, como água potável e saneamento.

Com isso, as desigualdades agravam os efeitos das mudanças climáticas - somadas à ausência ou falha nas estruturas de contenção e prevenção de desastres naturais, em casos como enchentes e deslizamentos.

Em uma perspectiva mundial, vale lembrar dos séculos de exploração de recursos naturais praticada pelos países do norte global. É necessário olhar para a justiça social e enfrentar o racismo ambiental para que a gente consiga desenvolver novos modelos econômicos. A noção de equidade precisa ser central em iniciativas de efetivação de justiça climática. Da mesma maneira, é necessário questionar qual o lugar da juventude negra e indígena na sociobioeconomia.

Vale destacar também o impacto do racismo ambiental na Amazônia Legal, na região Norte do nosso país, e o acesso dos jovens aos *empregos verdes* no futuro. Em Belém (PA), por exemplo, a proporção de ocupados

que possui ensino superior completo era de 16,7% em 2010. Quando analisado o recorte por cor/raça, percebe-se uma grande diferença entre os grupos no município. Enquanto 26,4% das pessoas brancas ocupadas possuem ensino superior completo, dentre as pessoas negras esse percentual é de apenas 12,9%. Em paralelo, a renda média dos ocupados dos dois grupos é de R\$2.185 e R\$1.188, respectivamente.

A mesma desigualdade se observa em Manaus (AM), onde a proporção de ocupados que possuem ensino superior completo é de 12,5%. Quando analisado o recorte por cor/raça, enquanto 20,2% das pessoas brancas ocupadas possuem ensino superior completo, dentre as pessoas negras esse percentual é de apenas 9,5%. A renda média dos ocupados dos dois grupos é de R\$2.119 e R\$1.199, respectivamente.

É fundamental que tal realidade se modifique para que as condições de vida da população negra melhorem. Isso implica em políticas públicas com este enfoque, além de iniciativas de instituições privadas e de organizações da sociedade civil. É preciso trazer os grupos historicamente discriminados para o centro desse debate, considerando a interseccionalidade de gênero e raça.

Devemos pensar em possibilidades de quebra desse ciclo de grave vulnerabilidade a eventos climáticos e a desigualdades estruturais que impactam o exercício de direitos fundamentais da população negra e periférica.

Daniel Bento Teixeira

Advogado e diretor executivo do CEERT

PRESERVANDO O FUTURO:

AÇÕES E REFLEXÕES NO COMBATE AO RACISMO AMBIENTAL



Racismo ambiental: Estudiosos têm demarcado uma visão que coloca as tecnologias ancestrais como chave para a preservação do meio ambiente. Em contrapartida, são as comunidades tradicionais, sobretudo indígenas e quilombolas, as principais afetadas pelas mudanças climáticas que escalam cada vez mais rápido

Logo: MULHERES NEGRAS

REDE DE MULHERES NEGRAS PARA SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

CAMPANHA DE MAPEAMENTO E DOAÇÃO PARA COMUNIDADES QUILOMBOLAS E PERIFÉRICAS ATINGIDAS PELAS ENCHENTES E CHUVAS NO RIO GRANDE DO SUL.

COLABORE COM QUALQUER QUANTIA

PIN CNPJ: 26182672/0001-36

CONTATOS: MULHERESNEGAS@GMAIL.COM | MULHERESNEGASREDESIGAN

APOIO: NADABRES GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA - UNIGRS

HA CAMPUS REE

Colabore: Diante do desastre ambiental enfrentado pela população do Rio Grande do Sul, a Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional está articulada na “Campanha de Mapeamento e Doação para Comunidades Quilombolas e Periféricas Atingidas pelas Enchentes e Chuvas no Estado”.

Justiça Racial

PROGRAMA REINTEGRAR!

PARA EGRESSOS DO SISTEMA CARCERÁRIO E SOCIOEDUCATIVO

Confira a Listagem Final

PROGRAMA ReIntegrar

CEERT

Programa Reintegrar: Conheça o perfil das dez pessoas selecionadas, entre 205 inscritos/as. Houve inscrições das cinco regiões do Brasil, com predominância do Sudeste. Do total de concorrentes, 93% se autodeclararam pessoas negras. Os homens cisgênero foram maioria (57,5%), seguidos de 29% de mulheres cisgênero.

ESG-Equidade no Trabalho

PROFISSIONALIZAÇÃO DAS TRANÇISTAS: MOBILIZAÇÕES DESTACAM A URGÊNCIA DA VALORIZAÇÃO DA CATEGORIA

CEERT

Tranças: O trabalho das trançistas mantém vivo o legado da beleza, tradição e resistência da população negra. No entanto, as profissionais ainda enfrentam desvalorização do ofício e ausência de direitos. Mobilizações têm destacado a importância para a história afro-brasileira e africana, além da urgência de reverter esse cenário.

Educação Antirracista



Prêmio Educar: Com o encerramento das inscrições, inicia-se a fase de avaliação das práticas pedagógicas até o final do mês de junho. Serão escolhidos 16 trabalhos finalistas em cada uma das categorias, totalizando 32. Os/as selecionados/as serão procurados/as por pareceristas, que solicitarão informações extras sobre os projetos. Fique atento/a!



Articulação: O número de inscrições para a 9ª edição do Prêmio Educar dobrou em relação à edição anterior, saltando de 233 para 524 inscritos. Uma das razões para o aumento foi a colaboração de articuladores locais. Pela primeira vez, educadores/as divulgaram pessoalmente a iniciativa por todo o país. Conheça o trabalho dos articuladores.



Educação Quilombola: MEC lança Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ), com a finalidade de reconhecer e valorizar publicamente escolas que implementam ações pedagógicas e de gestão em torno da Educação para as Relações Étnico-Raciais.



Acervo: Os materiais produzidos no Edital Equidade Racial na Educação Básica: pesquisa aplicada e artigos científicos são disponibilizados no acervo digital do Anansi. Ao todo, são mais de 50 produções, incluindo livros, teses acadêmicas, artigos, e-books, jogos didáticos e vídeos, todos lançados periodicamente. [Confira os conteúdos publicados em maio.](#)

Nota de Pesar



O CEERT lamenta o [falecimento de Flávio Jorge](#), uma importante figura do Movimento Negro brasileiro, manifestando sentimentos aos familiares e amigos. Flávio Jorge esteve presente em muitos momentos da luta pela defesa dos direitos da população negra e deixou um grande legado para as próximas gerações.

O que pensa o CEERT?



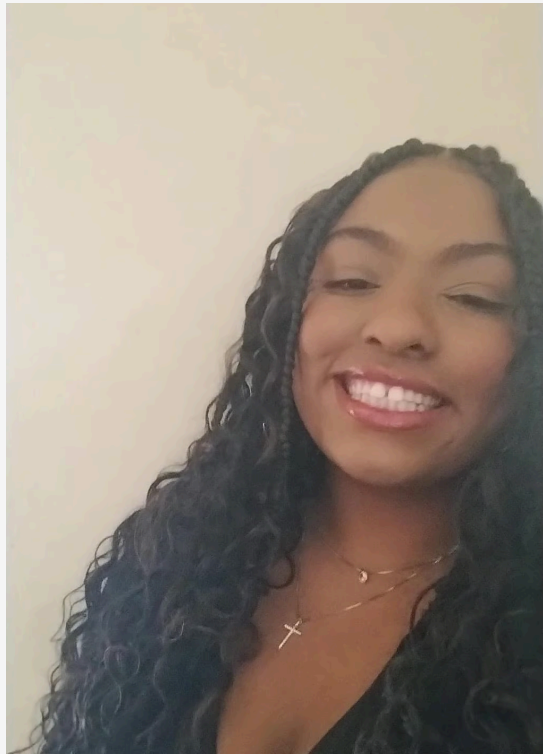
Em artigo publicado na Folha de S. Paulo, Daniel Bento Teixeira, diretor-executivo do CEERT, reflete a respeito do racismo sofrido pelo jogador Vinicius Jr. "É essencial ver mais de perto para entender por que o racismo surgiu de forma tão virulenta nesse caso. O ódio das arquibancadas contrasta com a alegria com que Vini Jr joga e comemora seus gols. E é esta a chave para as reações violentas. Vini expressa a corporeidade alegre de quem comemora sorrindo", diz Daniel. [Leia o texto na íntegra.](#)



A convenção do partido de direita espanhol Vox em Madri, que defendeu um "continente branco de famílias cristãs e heterossexuais", é um alerta para o Brasil. O evento, focado nas eleições europeias, revelou propostas racistas e anti-imigração, conforme destacado pelo editorial do El País, "A Aliança Pragmática do Ódio". No Brasil, movimentos semelhantes se manifestam na resistência à nova lei de cotas no serviço público, aprovada recentemente. Saiba mais sobre o assunto, [na coluna de Cida Bento, publicada na Folha de S. Paulo.](#)

JUNTOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE ANTIRRACISTA
DOE E FAÇA PARTE DESSA TRANSFORMAÇÃO

Quem faz o CEERT



Geovanna Moraes Nogueira é estagiária de Comunicação do CEERT há dois meses. Atualmente cursa o último ano do curso de Bacharelado em Marketing. Já trabalhou como estagiária na área de Comunicação e Eventos, onde colaborou em projetos e editais de inovação e empreendedorismo, além de organizar eventos e feiras. “Estar no CEERT tem sido uma experiência pessoalmente enriquecedora. Apenas nesses dois meses já tive a oportunidade de aprender muito, desenvolver um olhar mais crítico e também mais acolhedor, além de, principalmente, conseguir enxergar a engrenagem por trás da luta por mudança. Trabalhar na Comunicação, buscando formas de dar visibilidade a esses projetos tem sido, acima de tudo, uma realização pessoal”, disse Geovanna.

